



Fotos: Denise Andrade/Divulgação

DIÁLOGOS MÚLTIPLOS

Inspirada na miscigenação cultural do Brasil, mostra tem obras de alagoanos

Inaugurada no último domingo (11), na capital paulista, a exposição coletiva *Puras Misturas* reúne obras de arte popular, erudita e indígena para refletir sobre o diálogo entre as culturas letradas e iletradas e evidenciar o processo permanente de recriação entre as duas matrizes. Com trabalhos de Delson Uchôa, Fernando Rodrigues e José do Chalé, Alagoas também se faz presente na mostra, que tem como propósito apresentar ao público parte do acervo do Pavilhão das Culturas Brasileiras, museu que, em breve, ocupará o Pavilhão Engenheiro Armando Arruda Pereira, um edifício tombado de 11 mil metros quadrados localizado no Parque Ibirapuera e projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer

JANAYNA ÁVILA
Repórter

Não há como dissociar o repertório ficcional do escritor João Guimarães Rosa das histórias que ele ouviu na infância e, mais tarde, vivenciou como médico, nas andanças pelo interior de Minas Gerais. Ainda criança, o autor de *Grande Sertão: Veredas* ouvia narrativas de Juca Bananeira, um negro e espécie de pajem que vivia a lhe contar histórias mira-

bolantes de jagunços e boiadeiros – sagas impregnadas de fantasia e realidade, que chegavam ao menino João com as marcas da oralidade do povo. Certa vez, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1968, o próprio escritor falou sobre o significado que essas narrativas tiveram para a obra literária que havia construído: “Quando menino, no Sertão de Minas, onde nasci e me criei, meus pais costumavam pagar a velhas contadeiras de histó-

as. Elas iam à minha casa só para contar casos. E as velhas, nas puras misturas, contavam histórias de fadas e de vacas, de bois e reis. Adorava escutá-las”.

Espontaneamente, com o toque de genialidade que permeia toda a sua obra, Guimarães Rosa cunhou um termo – “puras misturas” – que dá conta de definir a supermiscigenada cultura brasileira: é justamente do paradoxo, do contraditório, que vem o que somos. A expressão do escritor mineiro não podia ser melhor para dar nome à exposição que anuncia a criação do Pavilhão das Culturas Brasileiras, um projeto ousado, localizado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e empreendido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, por meio de sua Secretaria de Cultura. “Tomamos emprestada essa expressão paradoxal e contraditória porque ela expressa com poesia a miscigenação que constitui a força maior da cultura brasileira. E esse processo é dinâmico, está sempre se reinventando”, diz Adélia Borges, curadora da mostra *Puras Misturas*, que teve sua abertura no último domingo (11) e fica em cartaz até 12 de setembro. Há, portanto, tempo de sobra para programar a visita. E há bons motivos para conferi-la. Um deles é a presença de três artistas de Alagoas na exposição: Delson Uchôa, Fernando Rodrigues e José do Chalé (que, apesar de não ter nascido por aqui, teve sua obra apresentada em Alagoas, graças ao olhar desbravador do fotógrafo Celso Brandão, que revelou também a obra de Seu Fernando, da Ilha do Ferro, no Sertão alagoano).

A mostra devolve a São Paulo o edifício projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer nos anos 50. A futura instituição ocupará o Pavilhão Engenheiro Armando Arruda Pereira, um edifício de 11 mil metros quadrados projetado pelo homem que ajudou a construir Brasília. O prédio é tombado pelos órgãos de patrimônio histórico municipal, estadual e federal. Depois de sediar eventos como a Bienal de Artes de São Paulo, em 1953, e o Pavilhão dos Estados, durante o 4º Centenário de São Paulo, em 1954, o prédio deixou de ser utilizado como espaço cultural para abri-

gar, por quase 40 anos, a Companhia de Processamento de Dados do Município de São Paulo (Prodam). Agora, com a criação do Pavilhão das Culturas Brasileiras, o edifício retorna, enfim, à sua vocação original.

PRÉVIA

Visitar a mostra é a oportunidade de conhecer uma parte do acervo do futuro museu. Neste caso, como a dar exemplo para muitas instituições governamentais Brasil afora, celebra-se, primeiro, o acervo e, só depois, as instalações físicas.

A mostra reúne peças de arte erudita, popular e indígena adquiridas pelo museu ou vindas de outras coleções públicas, como o acervo do antigo Museu do Folclore Rossini Tavares de Lima, que desde o ano passado passou a ser administrado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, além da Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade.

Desde o início, a ideia foi fazer da mostra a celebração da riqueza e da diversidade cultural do Brasil. Por essa razão, o “fio condutor” de *Puras Misturas* é o diálogo entre variadas formas de criação artística produzidas em diferentes tempos e lugares. Isso explica a presença de peças de arte erudita, popular e indígena na mostra. “Ao construir diálogos entre as culturas letradas e iletradas, ou cultas e populares, será possível evidenciar como ambas se alimentam mutuamente, num processo permanente de recriação e ressignificação, que acaba por tornar equivocada a própria oposição entre essas duas esferas”, afirma Adélia Borges.

SERVIÇO

O quê: exposição *Puras Misturas*
Onde e quando: no Pavilhão Eng. Armando Arruda Pereira (Rua Pedro Álvares Cabral, s/n – Parque do Ibirapuera, portão 10, São Paulo, SP), até 12 de setembro de 2010
Horário de visitação: de terça a domingo, das 9h às 18h
Entrada gratuita
Informações: (11) 5083-0199

PERCURSO

A mostra *Puras Misturas* está instalada no Pavilhão Engenheiro Armando Arruda Pereira, que será sede do Pavilhão das Culturas Brasileiras e cujas linhas arquitetônicas se assemelham ao Pavilhão Cicillo Matarazzo, também conhecido como o “Prédio da Bienal”. O Pavilhão das Culturas Brasileiras abriga todo o acervo do antigo Museu do Folclore Rossini Tavares de Lima, que ocupava o prédio da Oca até 2000, quando foi transferido para a Casa do Sertanista em função da Mostra do Redescobrimto. A coleção, que passou por catalogação e higienização, conta com cerca de 3.600 objetos (cerâmicas, roupas, gravuras, pinturas, esculturas, etc), 2.200 fotografias, 400 registros sonoros e 9.750 livros e documentos. Todo o acervo já se encontra no edifício, no Parque do Ibirapuera. Ocupando uma área de aproximadamente 2.500 metros quadrados contínuos, sem divisórias, a exposição se desdobrá em quatro módulos. Confira.

VIVA A DIFERENÇA!

Instalação “usável” com 65 banquinhos (de um total de 88 que se revezam durante a mostra), de variados formatos e materiais, onde os visitantes podem sentar. São bancos confeccionados por povos indígenas, por comunidades artesanais de várias partes do País, por artesãos contemporâneos e por designers como Sergio Rodrigues, Carlos Motta, Marcelo Rosenbaum, Michel Arnoult, Nido Campo-longo, Claudia Moreira Sales, Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki. A instalação está na entrada do pavilhão.

ABRE-ALAS

Logo após a instalação de “boas-vindas”, os visitantes se deparam com esculturas e objetos utilitários que conduzem a uma viagem ao Brasil profundo. Nesse módulo estão obras de artistas como Bispo do Rosário (RJ), Getúlio Da-

mado (RJ), José Francisco da Cunha Filho (PE), José Maurício dos Santos (CE), Mestre Fida – Valfrido de Oliveira Cezar (PE), Paulo Laender (MG), Tamba – Cândido Santos Xavier (BA), Véio – Cícero Alves dos Santos (SE), entre outros.

DA MISSÃO À MISSÃO

Uma linha do tempo, construída em um painel de 180 metros de comprimento, faz um histórico das principais iniciativas de difusão da diversidade da cultura brasileira. O painel inicia com a Missão de Pesquisas Folclóricas, realizada em 1938, por iniciativa de Mário de Andrade, passando por nomes como Gilberto Freyre, Aloisio Magalhães e Lina Bo Bardi, até chegar ao projeto do Pavilhão. Neste módulo está uma cadeira do alagoano Fernando Rodrigues, da Ilha do Ferro.

FRAGMENTOS DE UM DIÁLOGO

Módulo com manifestações culturais distintas que se sucedem num percurso contínuo, com caráter fragmentário. Reúne obras de artistas “eruditos”, como Alex Flemming, Di Cavalcanti, Emmanuel Nassar, Farnese, Rubem Grilo, Samico, Tarsila do Amaral, Vicente Rego Monteiro, Victor Brecheret, e “populares”, como Alcides Pereira dos Santos, Artur Pereira e J. Borges. As esculturas de Zé do Chalé, de Alagoas, fazem parte deste módulo, dentro da série *Totens da Terra*, que também traz pintura de Rubem Valentim e esculturas de Mauro Fuke. Com a obra *Taipa*, o artista plástico alagoano Delson Uchôa integra esse módulo, na série *Diálogos Avatares*. Entre os designers, há peças dos irmãos Campana, Ronaldo Fraga e Lino Vilaventura. A arte indígena estará representada com obras de diferentes povos, como os Mehinako, do Mato Grosso, os Tukano, do Amazonas, além da produção artística marajoara.



| NORTE A SUL | Acima, a cadeira de Fernando Rodrigues, da Ilha do Ferro, e peças de arte popular: reflexos de um país